

Os dois lados medem forças

O duro tom adotado por sindicalistas e ministros pode ser apenas retórico. Os dois lados deixam brechas para a negociação: Simon Reyes, dirigente do Partido Comunista Boliviano e apontado como sucessor do lendário Juan Lechin na liderança da COB, diz que "não estão criadas as condições para uma greve geral agora, mas a mobilização geral permitirá uma recuperação de forças para negociar com o governo o aumento de salários"; e o ministro Sanchez de Lozada admitiu a possibilidade de um modesto aumento salarial para os funcionários públicos e trabalhadores das empresas estatais.

Os dois lados estão medindo forças. Os sindicalistas sabem que não têm força suficiente para levar os trabalhadores às ruas. Eles foram duramente reprimidos quando tentaram, com greves de fome e manifestações de rua, impedir a adoção do plano de austeridade. O governo considera a febre grevista e a corrida salarial os principais responsáveis pela hiperinflação. Paz Estenssoro, o último caudilho populista da década de 50, conseguiu quebrar a espinha dorsal do movimento sindicalista. Ao demitir 20 mil dos 28 mil trabalhadores da Corporação Mineira da Bolívia, Comibol, o governo acabou com a principal massa de manobra da COB.

Quando Paz Estenssoro começou a sanear a Comibol, empresa que só em 85 deu um prejuízo de US\$ 250 milhões, a Central Operária Boliviana decretou uma greve geral. O presidente decretou estado de sítio e prendeu centenas de trabalhadores, esvaziando completamente o movimento. Foi uma dura derrota para o poderoso sindicalismo boliviano, acostumado a enfren-

tar as ditaduras militares, mas sem nenhuma experiência de convivência pacífica com os governos democráticos.

O fim da hiperinflação criou um clima de satisfação no país, atingindo até mesmo os trabalhadores. Não havia nenhuma condição de os reajustes salariais acompanharem um aumento de preços de 60% ao mês, como aconteceu em agosto de 1985. Esse fato contribuiu ainda mais para a desmobilização do movimento sindical.



Em agosto do ano passado, o governo conteve os mineiros

AP-25/08/86

O poder de barganha da COB caiu para zero, em 86 e início de 87. Agora, porém, as dificuldades que o governo está encontrando para iniciar a reativação da economia, com a recessão batendo às portas do país e com um modelo que corre o risco de se esgotar no combate à inflação, os sindicalistas ganharam um pouco de oxigênio. Não é suficiente para enfrentar o governo, mas para negociar.

As maiores bandeiras dos sindicalistas são o desemprego e a queda

do poder aquisitivo. O salário real caiu 60% em 1985, recuperando 35% em 86 e, este ano, não manteve o mesmo ritmo de recomposição. O ministro Sanchez de Lozada acena com a possibilidade de um pequeno aumento para os funcionários públicos. Mas a situação para os trabalhadores do setor privado é mais complicada, porque as empresas não são obrigadas a dar aumentos. O governo chegou a levantar a possibilidade de um acordo patrões-empregados, hipótese descartada pelos sindicalistas.

A oposição garante que a taxa de desemprego aumentou de 20 para 25% este ano, por causa da recessão. Os números oficiais do governo indicam que a população economicamente ativa é de 2.076.000, com 1.661.000 empregados e 415.000 desempregados.

Depois de colocar a COB contra a parede, o governo enfrenta agora um outro adversário, talvez mais perigoso: a Confederação Única dos Trabalhadores Camponeses, uma entidade com quase um milhão

de filiados. Essa entidade tem uma liderança histórica ligada ao Partido Comunista Boliviano. Mas estão surgindo novos líderes, vinculados à esquerda independente, que poderão optar por um caminho semelhante ao percorrido pelo grupo guerrilheiro peruano Sendero Luminoso. Autoridades militares estão tentando comprovar os vínculos entre a confederação e o Sendero. A campanha contra o tráfico de drogas, com o apoio do governo norte-americano, está irritando os camponeses que plantam coca. E a esquerda está se aproveitando desse fato para capitalizar o descontentamento. Os traficantes também acompanham a situação com profunda atenção e estão dispostos a fornecer armas aos camponeses para que enfrentem as tropas de elite das Forças Armadas bolivianas encarregadas do combate ao tráfico de droga.

Outro ponto fraco do governo, na luta contra os sindicalistas, está na frente interna: o ministro de Relações Exteriores, Guillermo Bedregal, está adotando uma atitude mais aberta diante das reivindicações dos trabalhadores ("elas devem ser estudadas com grande seriedade), enquanto o todo-poderoso ministro do Planejamento, Sanchez de Lozada, não admite concessões.

O governo conta com a entrada de recursos externos, com o aumento da arrecadação fiscal e com a transferência de recursos da companhia estatal de petróleo para tocar o Programa Social de Emergência (projetos de desenvolvimento urbano, recuperação de estradas e construção de obras de infra-estrutura) e criar empregos. Se conseguir esse objetivo, pode tirar uma das principais bandeiras dos sindicalistas.